

Almada, 17/4/973.

Ex.M.<sup>o</sup> Sr. César Oliveira:

Em Setembro do ano passado, depois da leitura de um livro de José P. Pacheco ("As Lutas Operárias C.a C. de Vida Em Portugal e a Greve Geral de 1918), escrevi uma carta com intenção de a dirigir a esse autor, mas não tendo imediatamente sabido do seu endereço não lhe a remeti e até hoje ainda o não fiz. A carta é extensa, tem umas 12 folhas destas e é uma autêntica reprovação que me julguei no direito de lhe fazer ao parcialismo que se lhe descobre na apreciação dessas lutas; a imponderação que revela na análise e classificação de acontecimentos de algum modo transcendentales e merecedores de uma mais justa e devida apreciação! Pareceu-me <sup>que</sup> J.P. Pacheco, ao pretender fazer história, fé-la como é hábito fazer história e às circunstâncias que pesaram ou decidiram do rumo dos acontecimentos que eclipsaram a resistência operária não só no nosso país mas por toda a parte, considerou-as da responsabilidade da tactica pelo proletariado organizado, não obstante todo um repositório apreciativo das condições de atraso em que o País se debatia! O seu livro como documento é valioso e a bibliografia e textos onde toda uma acção socioeconómica da vida do País se revela inoperante é desarticulada para corresponder no mínimo a meros tentativos de materialização de mil promessas feitas ou que estavam implícitas na propagação e instauração da República!

O mais importante, não para ~~subestimar a~~ <sup>subestimar a</sup> importância do trabalho, até pelo contrário, muito o valoriza, é que o autor começa o livro com um estudo sucinto mas muito ~~xxxxxxxxxx~~ judicioso e certo no uso das permissas donde extrai algumas conclusões judiciosas mas que totalmente as anula em contradição flagrante com o termo das suas conclusões na página 18 ao atribuir "ao predomínio de formas utópicas das quais a mais importante foi a dominação ideológica anarquista, que a exemplo da Espanha e de certo modo na Itália e na França, correspondia ao fraco desenvolvimento do proletariado industrial e ao seu isolamento. O estudo sistemático da estrutura do proletariado português, no período parlamentar, revela-se assim a base da compreensão das ~~xx~~ razões da história ideológica do movimento operário Português". Está aqui todo o sentido do livro, toda a intenção do autor e precisamente onde radiquei os fundamentais reparos do ilógismo que o seu raciocínio atesta, da injustiça do seu juízo crítico face o desfecho e contingências de uma luta em que não poderia de modo algum conduzir a outro resultado pelas razões que o autor verbera e assinala. Como militante operário desses tempos e revolucionário sempre atento às nossas lutas sociais, em primeiro lugar contra o fascismo que de tão longa data nos atormenta, depois em mira à possibilidade da transformação social que entre nós como por toda a parte se impõe! Esta a principal razão do meu atrevimento e quando alguma coisa topo que me merece reparos ou aprovação, não fico calado, reajo e quando as circunstâncias me permitem aí estou eu a dizer do meu contentamento ou descontentamento, como sei e posso, exactamente porque aos anos de luta que travo sinto-me na obrigação e no direito de intervir senão com o saber, que seria necessário, pelo

menos com o desejo de contribuir e marcar presença no esclarecimento de um debate que se é certo que a todos nos diz respeito, aos que lutaram e penaram todavia mais compete: Tal é o meu caso.

Deste modo quis explicar-<sup>lhe</sup> ~~seja~~ a razão desta carta e que foi precisamente poucos dias após a que anteriormente cito que também me foi sugerida. Também me veio parar às mãos um dos seus livros e imediatamente senti a mesma reacção, porém com emoções diferentes e já advinhando em si um espírito de isenção e análise de maior imparcialidade e mais seriamente debruçado em querer fazer história baseado na realidade e interpretação dos factos, coisa que sinceramente me agradou! Dois ou três livros seus mais me vieram às mãos e lendo-os, não posso ter dúvidas que outro é o seu propósito de tratar os problemas da história do Movimento operário português, sobretudo no referente a uma época das mais difíceis da nossa situação económica, do conjunto de toda uma série de circunstâncias político-socioeconómico-geográficas! O que é de exaltar é a posição tematólogica do operariado organizado português face a uma situação tão perturbada e que talvez se possa dizer que a nota mais saliente da vida portuguesa do primeiro quartel do século foi precisamente a luta operária que se estruturou em moldes de eficiência reivindicativa e à altura dos principais movimentos dos Países mais desenvolvidos. Ainda hoje todas as teses dos primeiros e últimos congressos do proletariado, toda a sua independência revolucionária e a ideia fixa de acreditar mais no seu próprio esforço que em toda ou qualquer legislação, são aspectos que valorizam a importância da organização operária e que os últimos cinquenta anos de experiência vieram provar quão certas estavam as tácticas de acção directa e revolucionária dos trabalhadores, comparadas com as dos sectores políticos ou enquadrados na luta de apoio à conquista ou tomada do Poder!

Não há dúvida que não se trata de um problema novo e que não tenha sido ao longo da história das lutas sociais debatido, mas a nossa época prima por ser <sup>mais</sup> confusas e perturbadas e a crise dos dois sistemas de economia, a capitalista e a "socialista", mais ensombream as ideias e toda a exaltação expansionista do imperialismo ocidental e oriental completaram o quadro de um mundo, embora em decomposição, mas que o sentido competitivo das forças em jogo não deixam modificar!

A guerra de 14 foi mais profunda no descrédito do sistema capitalista, e os povos estavam então mais perto da viabilidade da revolução social. A de 39 parece ter adiado para não se sabe quando a hipótese de uma tal revolução. A que se deve este fenómeno? Eis uma questão tão palpitante mas que <sup>não</sup> se fala, não se a discute, só nos é permitido discutir o que se pode optar e o mundo, no domínio das ideias, não está interessado nem preparado senão para optar ou pelo capitalismo e marxismo. Será esta opção conscientemente determinada pelas realidades sociais ou é antes a lógica resultante de uma doutrinação que não só limitou as perspectivas emancipadoras da classe trabalhadora como nos faz

recuar algumas dezenas de anos para uma escolarização revolucionário semelhante à que se observou desde a revolução de 48 até ao triunfo do Bolchevismo na Rússia? As escolas socialistas definiram-se e o socialismo autoritário, pelos seus principais corifeus classificado de científico, irá defrontar-se tanto no campo da discussão filosófica como na prática dos seus resultados. Os caminhos do socialismo ~~estão~~ estão desimpedidos e o marxismo e o reformismo perdem terreno perante as sucessivas frustrações das suas intervenções legislativas, tornando-se todavia mais catastrófico o exemplo vivo dos CINCO COMUNISMOS!

Se o problema dos trabalhadores ou do da transformação social estivesse no simples facto da tomada do Poder, não há dúvida que a luta de classes não teria o devido significado nem a acção revolucionária dos trabalhadores, no sentido da sua tomada de posição face os problemas da produção e distribuição, seria preciso para alguma coisa! O anarco-sindicalismo ou sindicalismo revolucionário que na luta quotidiana reivindica um aumento constante de mais humanas condições de vida ao mesmo tempo que se vai consciencializando e prevenindo para o assalto ao derrube do sistema de exploração e opressão de que por toda a parte o mundo é prova. As forças ou sectores autopsiados e tidos como escaurache do corpo social de há muito que estão a descoberto com a sua perniciosidade e a filosofia anarquista condenou-os ~~se~~ só vivem mercê da sua própria fraqueza.

Em regime salarial o salário é corolário das estruturas socioeconómicas e a sujeição a ele é sempre uma afronta e obrigatória ~~limitação~~ limitação, onde a desigualdade e a injustiça ~~é~~ é condição que o capitalismo e o bolchevismo não só não os incomoda mas até se opõem a que se as combata.

Um olhar ao mundo confrange-nos que embora se lute por toda a parte a luta perdeu <sup>aquela</sup> ~~aquela~~ feição social que possuiu nos dois últimos quartéis do século passado e primeiro deste e este facto ilustra elequentemente a importância das nossas lutas e os trabalhadores nunca tanto os aturdiram com palavras de evidente demagogia mas que também jamais estiveram tão desvinculados e divididos nos seus propósitos e sentimentos!

As várias frentes populares que antecederam a guerra de 39 redundaram em discórdias para sempre insuperáveis e a guerra de civil de Espanha foi o fosso intransponível de uma unidade impossível.

A grande Revolução Francesa legou-nos a trilogia que acalentou as grandes batalhas socialistas do século passado, mas a revolução russa com o triunfo do centralismo democrático possibilitou a revalidação da autocracia do Estado, da Economia e do poder religioso! Por mais verborreia ou dialética não é possível sair disto e a revolução, que nada a evita, as forças em jogo que se supõem propiciá-la, outra coisa não fazem que despistar as massas interessadas na sua consumação.

O marxismo, na su interpretação lenista-stalinista pulverizou a hipótese de uma transformação social onde a liberdade fosse o ponto de partida, e os partidos comunistas de todo o mundo passaram a ser simples agentes de uma potência e a técnica da sua propaganda era uniforme em toda a parte e nunca des-

toando do diapasão que da Rússia lhes era sugerido. Esta situação forjou uma mentalidade e decidiu de uma época, mas também provou que o sistema bolchevista só foi possível onde a força das armas e o exército vermelho pôde ou resolveu chegar.

No curso da guerra contra o fascismo os aliados recrutaram aliados por toda a parte sob a promessa de acabar com o fascismo no mundo, foi esta a maior e a mais dolorosa mentira do século! Depois da Alemanha e Itália era a Espanha e Portugal os países amordaçados por tal sistema, mas os vencedores apenas os interessou os criminosos de guerra de Noremburg e quando teriam sido assassínios dos seus soldados. A própria França, traída e ferida pelo fascismo da Península, quando se achou refeita e com o sangue de milhares de revolucionários espanhóis que ali lutaram contra as hordas do hitlerismo, viram a França de um De Gaulle atender a exigências de um Franco no sentido de dificultar e tornar desesperada a vida dos milhares de espanhóis principais sobreviventes dessa luta de guerrilhas que tão heroicamente venceram! Alberto Camus, herói nacional e prémio nobel da literatura, bem alto deu o seu grito de alarme, mas ninguém quis saber do inverso da traição, desta vez a beneficiar Franco, como traidor que fôra contra a chamada França livre!

O após guerra primará por extremar o mundo em dois campos: os que se inclinam desejosos pela expansão do Ocidente e os que se apaixonam <sup>pela</sup> expansão do imperialismo russo. Todos os recursos de doutrinação e publicidade são mobilizados e as melhores intenções ~~ou~~ ou idealismos de autêntica promoção humana se esbatem na voragem das ambiciosas manobres das forças em competição!

As camadas intelectuais, especialmente as mais novas, exercitam-se no uso duma linguagem que ninguém cura saber se corresponde aos propósitos do progresso social que se consideram mentores e as artes e as letras corroboram, mais por instinto que por consciência, na miscelânea dos elementos formativos mas que só a longo praso farão surtir algo de positivo no sentido dir-se-á ~~em~~ construtiva do viver social.

Desculpe, ~~mas~~ <sup>era</sup> mas não <sup>era</sup> este o sentido da minha carta, o que desejava expressar-lhe era o meu contentamento pelo seu sentido de investigação e análise na história das lutas operárias, o cunho de independência que o caracteriza, facto exactamente singular entre nós e mais me surpreendeu quando éra certo ter tido ocasião de apreciar e estar ainda sobre influência da leitura do livro de José Pacheco Pereira.

Mais de seis meses são passados a pesar o propósito de lhe escrever e antes mesmo da sua intervenção na reedição do livro de M. Joaquim de Sousa estive até para me deslocar ao Porto para o procurar e falar consigo a propósito de umas questões que se prendiam com possíveis edições de alguns trabalhos meus e de um amigo meu, residente no Brasil e em certa altura me teria ineumbido de ver se no Porto, por intermédio da Editorial CALAMENTO, seria possível materializar a nossa pretensão. Depois disso creio que este meu amigo

já teria tido contacto com o Porto e até já me falou de si e com entusiasmo do seu trabalho de historiador das lutas sociais ou proletárias do país. Na verdade estamos em presença de um propósito sério de autêntica apreciação ~~da~~ uma época e bem assim de uma exposição de documentos que pode habilitar o estudioso a formular ideias concretas do que realmente foi a luta sindical na primeira quartel e do porte e legislação dos homens da República!

Or governos republicanos em matéria de beneficiações operárias não cumpriram o que durante mais de duas dzenas de anos haviam prometido e as dificuldades e provações foram sempre endossados ao povo trabalhador, que no novo regime passaram a ter os <sup>mesmos</sup> ~~mesmos~~ exploradores e opressores como os tiveram no tempo Monarquia! Tudo isto já pertence à história e à história compete denunciar quem mais afastado andou das realidades sociais do tempo, se os homens que faziam leis e governavam, se os trabalhadores organizados sob as determinantes dos princípios revolucionários das suas organizações. O importante considerar não é tanto se poderia ser doutro modo o procedimento dos homens da República, o que mais se deve procurar é se a luta dos trabalhadores não era na realidade conseqüente ou se entre a alternativa de se enfeudar ou delegar aos políticos e governantes a defesa dos seus interesses não era antes mais promissora e elevada a acção directa e independente junto dos seus directos exploradores. Esta opção já não era uma hipótese, dezenas de anos de luta e a própria experiência de organizações mais extensas e por tudo e em tudo intelectual e tecnicamente melhor preparadas bem concludentemente o atestavam. A França, a Itália, a Espanha e na Europa era a táctica da acção directa ou revolucionária (que no tempo e ainda hoje se devem tomar pela mesma coisa) que se impunha e superava objectiva e socialmente o "reformismo" ou a suposta intervenção política ou tomada da máquina legislativa que à sociedade, e na quase totalidade do proletariado organizado em cem anos de lutas socio-económicas, nos seus hábitos e convicções ficou indelevelmente vâncado! A I<sup>a</sup> INTERNACIONAL ao adptar a-"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES HÁ-DE SER OBRA DOS TRABALHADORES"-fé-lo não foi por uma questão de capricho e a sua irreversibilidade está patente no tumultuoso turbilhão de cento e tal anos de história das lutas pelo progresso e emancipação do povo trabalhador!

Desculpe esta evocação da história, a quem de história deve saber mais que eu, mas os cinquenta e tal naos que levo de luta obstinada, primeiro como militante operário e depois como pensador e sociólogo amador, dá-me o direito de a tanto me atrever. Além disso estou a falar para a história e por razões de um viver que desde sempre me integrou no cerne das verdadeiras lutas sociais, considero-me em condições de discernir e explicar (desculpe a imodéstia) a mim mesmo e a quem calhar que o problema social, embora simples, por motivações de toda uma civilização anómala, torcida, mantida por uma cultura e história em sentido e obediência a um mundo de falsidades e injustiças! *Tomar o compromisso!!*

De resto os dois ou três sentidos da luta operária que tanta celeuma no

no mundo das ideias sempre fizeram, resume-se a uma trama dos aspirantes às cadeiras do Mando, depois que plebiscitos e sufrágios se tornaram meio prático de ascender aos postos da governação.

Com a revolução industrial surge toda uma nova ordem de valores e o proletariado, até <sup>af</sup> inexistente, aparece como uma força não só como factor decisivo da produção mas como peso incontrabalhado na demografia humana. A economia e a política liberaliza-se e a ideia <sup>do</sup> sufrágio universal agora em uso irá atentar exclusivamente na ideia do número e o valor de um sistema ou de uma ideia está mais ~~na~~ na quantidade que qualidade dos indivíduos que os aceitam! Tudo isto é paradoxal e o que para muitos ou quase todos parece um progresso é na realidade factor de confusão e a história das lutas liberais e do parlamentarismo enriquece esta nossa afirmação! Se um dos mais brilhantes e fecundos parlamentares de todos os tempos, Stuart Mill, passou aos olhos de grandes <sup>e</sup> arguções crícos como contraditório e paradoxal, deve-se isso, sabe o bem quem saiba quem foi S. Mill, que foram as circunstâncias envolventes do mundo contraditório em que vivia que assim o determinavam: - Py y Margal, na 1ª República espanhola, depois de tantos anos de ilusões e fantasias gizadas acerca do parlamentarismo e da comparticipação política dos amigos do povo ou ~~dos~~ dos trabalhadores no sentido de reformas favoráveis e que tendessem para uma definitiva transformação social, teve que desistir e publicamente penitenciar-se dos seus erros e ilusões!

Nas querelas políticas podemos destacar dois elementos: os que se enamoram da política e dela fazem escola, ~~xxxx~~, iludindo e iludindo-se, e as grandes camadas da população, sempre desejosas de mudanças e necessitadas de melhores condições de vida, são pedras de um taboleiro sempre empurradas, mas como a pedra que se atira, que por hipótese saberá que parte, mas por certeza nunca sabe onde vai cair. Nada disto é novo, está dito e redito e muito criança será quem não tenha já vivido o suficiente em nossos dias para o confirmar.

Logo o após guerra, os povos que por alguns anos se tinha desabituaado de actos eleitorais viram como uma conquista de primeira grandeza a prometida democratização e regosijaram pelo facto de poderem dispôr da faculdade de escolher os governantes. Que se viu? A França imediatamente se vê governada por elementos que mundos e fundos prometiam, ~~in~~ in <sup>no</sup>so com as principais pastas ministeriais nas mãos do P.C., no entanto viu-se como ~~se~~ os trabalhadores e o povo se alguma coisa conquistaram foi com geves e lutas e até contrariadas pela acção dos homens do govêrno; Na Itália, na Bélgica e na Suíça, outrotanto aconteceu e acontecerá em toda a parte, no tempo e no espaço sempre assim foi e o meu amigo no seu apreciável livro "O Operariado e a República Democrática 1910-1914" bem o demonstra. Parabens e bem haja por tão revelante trabalho e intento e este foi o motivo fundamental desta carta!

Releve-me certas divagações que não passam de um desabafo e são ao mesmo tempo como que uma explicação da informação e formação que possuo para melhor ter apreciado toda a importância do seu TRABALHO!

Creia-me sincero Admirador-

João Carneiro